

# **O SINAL DA BESTA**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis**  
(ex-padre)

**Edições Cristãs**

# ÍNDICE

Situemos o problema  
O sinal do cristão  
A natureza do Sinal da Besta  
Babilônia, berço da cruz  
A cruz no paganismo antigo  
A catolicização da cruz  
O Catolicismo, a religião da cruz  
A teologia da cruz  
O poder da cruz  
A falência do poderoso amuleto  
A cruz, patíbulo da dor e da infâmia  
Seria a cruz o símbolo do Cristianismo?

.oOo.

# SITUEMOS O PROBLEMA

No capítulo 13 de Apocalipse, cuja leitura completa se faz agora necessária, encontra-se duas feras distintas. A primeira, a besta híbrida, numa amálgama de leopardo, urso e leão, corresponde ao quarto animal das visões de Daniel (7:7) e alegoriza o império romano na pessoa do seu monarca.

A segunda, a besta religiosa oriunda da primeira, adequada-se aquele chifre da mesma visão de Daniel, “pequeno”, saído dentre os dez chifres foram arrancados” (7:8), representa o falso profeta ou anticristo.

Este assunto, aliás, eu o analiso à luz das Sagradas Escrituras em meu livro: **A BESTA DO APOCALIPSE**. Isento de prejudgamentos e destituído de especiais revelações particulares, mas só fundamentado nos Santos Livros, a minha única porque exclusiva regra de fé, nas páginas dessa obra A BESTA DO APOCALIPSE procuro externar minha profunda e inabalável convicção de ser essa segunda besta de Apocalipse 13, o falso profeta ou anticristo, o próprio sumo pontífice do catolicismo romano. Ler esse livro para o exato entendimento destas páginas torna-se, portanto, imprescindível.

Leiamos, contudo em Ap 13:11-18, o registro alusivo a besta religiosa: *“E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como dragão. Também exercia toda a autoridade da primeira besta na sua presença; e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. E operava grandes sinais, de maneiras que fazia até descer fogo do céu à terra, à vista dos homens; e, por meio dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta enganava o que habitavam sobre a terra lhes dizia que fizessem uma imagem besta que recebera a ferida da espada e vivia. Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse, e fizesse que todos fossem mortos os que não adorassem a imagem da besta. E fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um SINAL na mão direita, ou na frente, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse SINAL na mão direita, ou na frente, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o*

*número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis”.*

Esta fera alegórica operava grandes prodígios para enganar ou seduzir os homens. Criou e deu vida à imagem da besta política ou imperial, perseguindo, outrossim, os que lhe recusavam submissão.

Os versículos 16 e 17 mencionam o SINAL DA BESTA e por isso neles deter-nos-emos ao longo das páginas subsequentes.

Esse sinal, de resto, se harmoniza com o número da besta mencionado no versículo seguinte (18). Um outro livro de minha lavra: 666 – *APOCALIPSE 13:18* examina esse famoso número.

Nestes próximos capítulos anelo estudar com o leitor o característico Sinal da besta religiosa e por ela imposto aos seus fiéis, marca essa a indicar que o seu portador, em trazendo-a na mão, está a serviço da besta e, por trazê-la na testa, revela seu público testemunho de sujeição ao anticristo.

É, outrossim, de alta importância o seu estudo especial dadas as funestas consequências para quem o recebe pois *“beberá o vinho da Ira de Deus; que se acha preparado sem mistura, no cálice da Sua Ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro”* (Ap 14:10).

Em vista dessa terrível ameaça, o verdadeiro cristão, conhecendo o trágico SINAL, enviará todos os esforços por arrancá-lo das fronteiras com ele assinaladas a fim de também participarem, como pessoas regeneradas pelo Sangue de Jesus, das Bodas do Cordeiro (Ap 19:4-9) e se tornarem habitantes da *“Santa Cidade, a Nova Jerusalém”* (id. 21-22:5).

.oOo.

## **O SINAL DO CRISTÃO**

Logo de começo definamos as palavras!

A falta de exata compreensão do sentido dos vocábulos há muita discussão estéril.

Por *CRISTÃO* entendemos a pessoa que, segundo as Escrituras, arrependendo-se dos seus pecados, confia evangelicamente em Jesus Cristo como seu Único e Todo-Suficiente Salvador e, em resultado, desfruta da salvação eterna. Da Vida Eterna eternamente inamissível.

O que é *SINAL*?

Procede do latim *SIGILLUM*, cuja tradução é selo ou sinal, bem como sigilo.

Há TRÊS conceitos dessa palavra.

PRIMEIRO: - O de manifestação, indício, letreiro, marca, atestado, emblema, vestígio, indicação, sinete, chancela.

Uma mancha na pele é um sinal. São-no as impressões digitais. Inconfundíveis, aliás.

A assinatura ou afirma também o é. O rasto dos pés no caminho. O rótulo no embrulho ou na garrafa. A bandeira do país ou de um clube. O distintivo de uma sociedade. O carimbo de uma empresa ou instituição.

Nas Sagradas Escrituras abundam exemplos de emprego do vocábulo sinal com esta acepção. A Aliança da Promessa a Abraão foi confirmada com o sinal ou selo da circuncisão. A do Sinai com o do sangue. A da Aliança com o antigo povo de Deus sob a economia da Lei, com o do sábado (Êx 31:13,17; Ez 20:12, 20). O Pai confirma a Cristo selando-O com o sinal da multiplicação dos pães (Jo 6:27). Este notável milagre se constitui em selo ou sinal, na marca, na prova e confirmação, no atestado de Messianidade de Jesus Cristo.

O episódio da estada de Jonas durante três dias no ventre do grande peixe e o seu prodigioso livramento é um sinal da Ressurreição de Jesus após o tríduo de sepultamento.

SEGUNDO conceito: - o de guardar em secreto ou em segredo. Daí o vocábulo português sigilo vir do latino sigillum.

Selar ou assinalar, portanto, quer dizer fechar hermeticamente ou guardar em absoluto segredo e segurança.

Também nas Escrituras encontra-se este uso. Em Dn 8: 26; 12:4,9 e em Is 29:11. Em Ap 10:4. *“E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do Céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas”*.

TERCEIRO: é o de caução ou arras, isto é o dinheiro ou objeto entregue pelo comprador ao vendedor como segurança do negócio feito.

Exemplifico! José e João acertaram o contrato de compra e venda duma casa. Em garantia de negócio José, o comprador, entre a João, o vendedor, uma parte do dinheiro como sinal do negócio. É o penhor. São as arras.

O crente evangélico, o legítimo cristão, tem um SINAL ou SELO nas três acepções da palavra: a de marca ou atestado, a de estar hermeticamente guardado e a de garantia ou penhor.

Esse SINAL não está num gesto, nem numa cerimônia religiosa, nem num rótulo externo, nem numa bandeira ou vexilo, nem num distintivo, nem numa postura física. Nem em qualquer tatuagem!

O legítimo e verdadeiro SINAL do cristão, do salvo, é o do ESPÍRITO SANTO!

Deparamo-nos no Novo Testamento com três Escrituras explícitas e claras acerca do assunto:

*“... e, tendo nEle também crido, fostes SELADOS (ou assinalados) com o Espírito Santo da Promessa” (Ef 1:13).*

*“E não entristeçais o Espírito de Deus, no Qual estais SELADOS (guardados hermeticamente) para o dia da Redenção” (Ef 4:30).*

*“Deus, o Qual também nos SELOU e deu o penhor do Espírito Santo em nossos corações” (II Co 1:22).*

Nesses versículos encontram-se as três acepções ou conceitos de SINAL: o de marca, o de guarda hermética ou segura, e o de penhor.

Em II Co 1:22 Paulo Apóstolo explicita o simbolismo de selar com a locução: “penhor (=garantia, arras) do Espírito Santo em nossos corações”.

Em todas as Alianças com o Seu povo de Deus estabeleceu um sinal. Em Seu Pacto com Noé, por exemplo, o do arco íris.

O sinal da parte de Deus é o atestado ou confirmação do Seu Propósito de cumprir a Sua Palavra.

Ao crente evangélico Ele dá o selo ou sinal do Seu próprio Espírito Santo, não apenas como marca de Sua legítima propriedade, mas também como garantia irrevogável de Vida Eterna, de perseverança completa em Sua Graça Salvadora, assunto este por mim desenvolvido num dos capítulos do meu livro: **O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?**

.oOo.

## **A NATUREZA DO SINAL DA BESTA**

Não tenho qualquer dúvida de constituir-se a CRUZ em o SINAL DA BESTA.

E a causa lógica, insofismável, e diria: irretorquível, desta minha convicção encontro-a com toda a facilidade nas próprias Escrituras do Apocalipse.

Lá no capítulo 17 deparo-me com o SISTEMA RELIGIOSO da besta religiosa (= a segunda fera do capítulo 13) alegorizada na mulher montada, riquissimamente trajada e adornada de joias a portar um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição. O seu nome é “*MISTÉRIO, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e das abominações da terra*” (17:3-6).

Ora, a idolatria é pela Palavra de Deus indicada com as expressões mais ásperas. E dentre elas as de prostituição e abominação.

Em meu livro *A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES* estendendo-me na análise do porque desta enérgica designação.

Deus repele tanto a idolatria que a tacha de prostituição, o comercio asqueroso das meretrizes.

Ora, se o “papa”, figurado na besta religiosa, na condição de chefe soberano do sistema-mãe das prostituições, tem um sinal muito próprio, sobremodo característico, esse sinal dó pode ser objeto de idolatria. Aliás, o mais importante de todos os objetos empregados no culto idolátrico.

Então eu pergunto: qual é esse objeto senão a CRUZ?

Por conseguinte, só a cruz, essa armação composta de duas traves, uma atravessada na outra, pode ser o sinal da besta por concentrarem-se nela todas as manifestações da religião aos antigos deuses falsos e também o culto falso a Deus Verdadeiro.

Por ser horrenda a cruz se presta perfeitamente como sinal da besta, o qual lhe serve em todas as celebrações litúrgicas e devocionais.

Em sendo a idolatria repulsiva a ponto de Deus considerá-la prostituição, na melhor do que a cruz para significar-lhe o horror.

Contra toda a evidência da sinonimia de ambos os vocábulos, o catolicismo reluta em distinguir ADORAR de VENERAR. Por isso em defesa do seu culto às imagens diz venerá-las. Jamais afirma adorá-las.

É verdade! Nenhum sacerdote sugere que se adore Maria. Nenhum aconselha que se adore qualquer “santo” ou qualquer “nossa senhora”. Nenhum promove romarias de adoração e Aparecida.

(Insisto: os dois verbos são sinônimos. Distinguem o significado deles os sacerdotes por puro e deslavado sofisma).

Mas está lá no missal romano! Os sacerdotes determinam a adoração da cruz!

Podemos abri-lo na liturgia da sexta-feira apelidada de “santa”.

Também é verdade! Está lá! Com letras em negrito, destacadas, em versais. “ADORAÇÃO NA CRUZ”.

E o missal é o da reforma do Concílio Ecumênico Vaticano II. É deste catolicismo renovado! Aggiornatto!

Nessa cerimônia da “ADORAÇÃO DA CRUZ” canta-se um hino apropriado do qual transcrevo apenas um verso seguido de sua antifona: “Eis o lenho da cruz, do qual pendeu a salvação do mundo! Vinde, ADOREMOS!

Adoramos, Senhor, vosso madeiro; vossa Ressurreição nós celebramos. Veio alegria para o mundo inteiro por esta cruz que hoje veneramos!”.

Resolvo recorrer ao parênteses de novo para um oportuníssima digressão!

(Observe-se nesse verso e antifona o emprego dos verbos adorar e venerar como sinônimos, porquanto a sinonímia é tão evidente que nem os sofista católicos conseguem ocultá-la).

Na liturgia da semana “santa” o clero exhibe a cruz para ser adorada, ou venerada, que é a mesma coisa. Convidam seus fiéis a adorar uma madeira...

E da cruz não procedeu alegria alguma para o mundo inteiro. Pena que seu belo latim seja aplicado para um fim ignóbil. Diz assim: “Cruz fidelis, inter omnes arbor una nobilis: mulla, silva talem profert, fronde, flore, germine. Dulce lignum, dulces clavos, dulce pondus sustinet” (= “cruz fiel, árvore nobre, que flor e fruto nos dais! Árvore alguma se cobre das mesmas pompas reais. Lenho que o sangue recobre, ao Homem Deus sustentais”).

Os antigos devocionários traziam: “Cruz mihi certa salus, cruz est quam semper adoro” (= “a cruz é a minha salvação certa, é a cruz que eu sempre adoro”)

“Pode dizer-se que a Igreja vive nos sinal da cruz”, assegura com pleno conhecimento de causa, monsenhor Gaume em seu livro: LE SIGNE DE LA CROIX”. Repete com outras palavras o velho pronunciamento de Cipriano: “Sem o sinal da Cruz nada entre nós se faz logicamente, nada é perfeito, nada é santo” (= “sine signo crucis nihil est sactum, nevação que alia consecrativo meretur effectum”).

Impossível ao catolicismo, o sistema religioso do anticristo, o “papa”, sobreviver sem a cruz.

Em seu contexto teológico, litúrgico e devocional ostenta-a como sinal e como imagem.



Como sinal na mão direita do “papa” e dos seus hierarcas benze objetos e pessoas. Com ele os fiéis se benzem e se persignam.

Como imagem ao pináculo dos templos, a encimar as sepulturas, à beira das estradas, E se ela traz o crucificado, a imagem sobre a imagem, cognomina-se de CRUCIFIXO que exhibe em seus altares, à cabeceira dos leitos, alo pescoço dos devotos pendurada num cordão ou corrente, a preceder as procissões...

.oOo.

## **BABILÔNIA, BERÇO DA CRUZ**

Deparamo-nos nas Sagradas Escrituras com duas Babilônia: a histórica, a do Rio Eufrates, e a mística ou espiritual.

A primeira, abundantemente referida no Velho Testamento, é o tipo da segunda, mencionada em Apocalipse.

Justamente porque uma tipifica a outra, entre ambas há muitos pontos de contato, dos quais lembramos dois: nelas são geradas as formas celtas de idolatria e por elas esta é incrementada e difundida; e ambas são cruéis perseguidoras do povo de Deus.

**A ORIGEM DE BABILÔNIA** – Remonta às primitivas eras da Humanidade e deprecia a história da grande metrópole. A procedência e a conduta do seu próprio fundador não a dignificam.

Com efeito, Ninrode, cujo nome significa rebelde, o edificador de Babilônia, é neto de Cão, o filho perverso de Noé é por este amaldiçoado (Gn 9:18,20-25). Destacou-se ele como o mais saliente apóstata daquela época patriarcal e se enalteceu como uma divindade.

Ninrode, “*o primeiro a ser poderoso na terra*” (id. 10:8), sobrepujou os homens e na sua audácia, fundou Babel, “o princípio do seu reino” (id.10:11). Posteriormente edificou outras cidades, como Nínive.

Celebrizou-se Babel por causa de sua torre, cujo cume, nos planos de Ninrode, contrários aos desígnos de Deus, tocava o céu e cuja finalidade seria a de, sob um nome relevante, conservar unidas todas as pessoas do clã de Ninrode (id.11:4). Interveio, contudo, o Senhor Deus e, confundindo as línguas, desarmonizou a todos e “os espalhou dali sobre a face de toda a terra” (id. 11:8).

O nome de Babel, do qual se originou o de Babilônia, de resto, quer dizer confusão, perturbação, desordem.

**BABILÔNIA, MANANCIAL DA IDOLATRIA** – Segundo a História, Ninrode casou-se com SEMÍRAMIS.

Em sendo mulher do neto do Patriarca Noé, conhecia ela a Promessa Divina do Messias: *“Porei inimizade entre ti (a serpente) e a mulher, e entre a descendência e a sua (a da mulher) descendência; esta (a descendência, ou seja, o Messias) te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn 3:15).

Decidiu aplicar-se a si própria essa Promessa e apresentou o seu filho Tmmuz como miraculosamente concebido e na qualidade de Messias Prometido.

Recebeu-o o povo com divindade e passou a lhe prestar culto religioso.

Samiramis, fundadora e primeira sacerdotisa da idolatria, com o seu filho Tammuz nos braços deu origem ao mistério da mãe e da criança, donde procede a mariolatria romanista.

Esta forma de culto foi de pronto aceita e propagou-se facilmente e ainda hoje (e sempre será assim!) em defluência do sentimentalismo em torno da figura mãe-e-filho, mulher-e-criança.

De Babilônia o culto à mulher-e-criança alastrou-se para outros povos. Popularizou-se.

A rainha sacerdotisa Semiramis com o seu filho Tammuz nos braços criou o culto à rainha do céu notada com um menino ao colo, aludido por Jeremias (44:17, 19, 22). Sob muitos nomes propagou-se: Astarte e Tammuz, Iris e Horus (Agito), Afrodite e Eros (Grécia), Vênus e Cupido (Roma), etc.

Jezabel, filha do monarca sidônio Etbaal, ao casar-se com Acabe, rei de Israel, para o Reino das dez tribos levou a religião da antiga Babilônia, que, na forma cananita, cognominava de BAAL o deus Tammuz.

Por instigação de Semiramis divulgou-se a notícia da morte de Tammuz, causada por ferimentos feitos por um javali e as sua prodigiosa ressurreição. Ambicionava a majestade sacerdotisa cumprir o prognóstico da descendência da mulher esmagada pela fera.

A lenda originou celebrações anuais em comemoração desses dois eventos, solenidades essas estabelecidas de acordo com o movimento solar, porquanto Tammuz, como deus, se constituía sol para o povo crédulo fascinado pelo misterioso esplendor do soberano astro.

A imagem de Tammuz morto era depositada num esquife e em procissão se memorava o seu sepultamento sempre seguido de convulso

pranto das mulheres. O profeta Ezequiel alude a essa tristeza religiosa das “mulheres assentadas chorando por Tammuz” (8:14).

Após essas solenidades caracterizadas pelo luto e pelo pranto, o povo explodia em manifestações de regozijo pela ressurreição dos seu deus morto.

A semana “santa” do catolicismo é o prolongamento exato daquelas celebrações babilônicas porque o catolicismo é, como “*a mãe das prostituições e das abominações da terra*”, “*GRANDE BABILÔNIA*”, a Babilônia mística (Ap 17:5).

**TAMMUZ E OCULTISMO** – Ignorantes dos fenômenos da natureza (como o raio, as fases da lua, a intensidade maior ou menor do calor do sol, a variação das estações) e os do ser humano (como o sonho, a telepatia, o magnetismo), os caldeus aceitaram a religião do ocultismo ou da magia, baseada na crença da força misteriosa ou invisível constituída e regulada por ritos secretos e cerimônias extravagantes mediante a aplicação de gestos com a prolação de fórmulas sobre objetos materiais.

Com a magia ou encantamento pretendiam, pelos seus sortilégios, o domínio sobre a natureza e efeitos contrários às leis naturais.

Tammuz, em consequência, recebeu, dentre tantos outros, o nome de SATURNO porquanto saturno quer dizer precisamente OCULTO, MISTERIOSO, ESCONDIDO, ENCOBERTO, DESCONHECIDO.

Em meu livro 666 – APOCALIPSE 13:18 estendo-me no estudo da assimilação do saturnismo pelo catolicismo romano.

**A CRUZ, O PRIMEIRO ARTEFATO CULTUADO** – Naqueles primórdios nem se cogitava de um dia vir a ser descoberto o uso da eletricidade. A única fonte de luz durante o dia era o sol misterioso e em algumas noites (sobretudo na fase a cheia) a lua também cercada de mistérios.

A noite em trevas era o terror!

Daí o sumo respeito e a veneração religiosa ao sol, vencedor das trevas e portador da paz e segurança.

A extrema necessidade de luz à noite e de calor moveu o interesse pela descoberta de algo que produzisse o FOGO, com pasmo e medo visto a queimar florestas quando ateadado pelos raios das tempestades.

Então aqueles homens primitivos inventaram a rudimentaríssima técnica da fricção de dois pedaços de madeira como fonte geradora do fogo.

E, com efeito, fixava-se, em sentido horizontal, um pedaço de madeira no chão e esfregava-se sobre ele enérgica e rapidamente com um outro pau seguro nas mãos.

O longo tempo que essa operação exigia e o desgaste de forças físicas ocasionavam o notável cuidado na conservação do fogo aceso, sempre cingido de respeito supersticioso.

Semelhantes operações, a de produzir e a conservar, passaram a ser cercadas de verdadeiro culto religioso e o fogo cultuado como uma força divina, misteriosa, oculta. A sua conservação requeria até uma casta de sacerdotes, os magos.

A técnica de acendê-lo e o cuidado de conservá-lo, os seus primeiros lampejos e as suas labaredas, tudo aquilo envolto em mistério para aqueles homens rudes, apelava aos sentimentos religiosos motivadores de sua dedicação e do seu respeito devoto a Tammuz, o deus SATURNO.

Nós admiramos os inventos modernos: a eletricidade, o rádio, o avião, a televisão, o telefone, o automóvel. E nem nos lembramos do valor excepcional do fogo, uma das maiores descobertas da mente humana!

Aquele povo babilônico deslumbrado com a operação religiosa de produzir o fogo passou a notar que os dois paus ao se friccionarem formavam uma CRUZ ou TAU, a letra babilônica inicial do nome do seu destacado deus TAMMUZ. E em sua homenagem começou a fabricar a imagem da cruz e a tributar-lhe culto especial. Se era o fabuloso talismã gerador do fogo também tinha capacidade de proteger! O TAU místico ou a cruz, como símbolo daquela divindade tornou-se respeitado como “símbolo da vida” e usado como amuleto em cima do coração dos devotos, sobre as vestes sacerdotais e nas mãos dos reis como sinal de sua autoridade divinamente outorgada (Wilkinson, Egyptans, vol. I, pág. 365).

Aquela religião idólatra primitiva instituiu também um ritual de iniciação destacado pela aplicação do sinal da cruz feito com o dedo polegar do celebrante na fronte do iniciado (Tertuliano, De Praescript. II,40).

Observamos, outrossim, o respeito religioso pelo sol e a coincidência propositada das solenidades da morte e da ressurreição do deus Tammuz com o movimento solar porque à majestosa luminária vinculava-se o grande deus. Em consequência dessa identificação fazia-se a cruz inserida num círculo.

E toda a religião ocultista ou a magia caldeia em todas as suas celebrações servia-se da cruz, o emblema de Tammuz, como sinal cabalístico e talismã e também como imagem representativa de suas doutrinas e centro de culto.

.oOo.

# A CRUZ DO PAGANISMO ANTIGO

Aqueles antepassados atribuíam tantos nomes a Tammuz, o primeiro deus criado em Babilônia, que Plutarco os calculou em dez mil (Wilkinson, *Egyptians*, vol. IV, pág. 179).

Eles faziam o que hoje o catolicismo faz com tantas “nossas senhoras”, as quais, diz-se, são uma só mas invocada com uma infinidade de nomes e apelidos.

Na medida em que o culto idólatra ao deus Tammuz, sob tantos nomes diferentes, se alastrava para outros povos, acompanhavam-no a veneração à imagem da cruz e o emprego do seu sinal.

Da Babilônia passou logo para Nínive, metrópole também edificada por Ninrode.

Atingiu o Egito onde, como sinal hieroglífico da vida futura, seu emprego instalou-a nos templos e se vulgarizou ao ponto de homens e mulheres usarem-se suspensa a gargantilhas. Diante dela outrossim se encurvavam por considerarem a sua presença em anúncio de futura felicidade.

Os historiadores gregos Sócrates e Sozómenes registraram que ao tempo do imperador Teodósio destruiu-se o templo de Sérapis e nas suas ruínas encontraram-se muitas pedras com caracteres hieroglíficos em forma de cruz (Sazom., *Hist. Eccl.*, lib. V, cap. XVII; lib. VIII, cap. XV).

Entre os etruscos erguia-se nos monumentos funerários.

Na Índia era o sinal religioso do fogo sagrado, tomado como potência superior e a própria origem da vida, representando as duas peças da cruz os dois pedaços de pau que se friccionavam para produzir o fogo.

Entre os celtas tornou-se cultuada muito antes de Cristo (Crabb, *Mythology*, pág. 163).

É indispensável e de sobejo comprovado o fato de os drúidas costumarem escolher para suas sepulturas a árvore mais imponente e frondosa como emblema da divindade e, tendo aparados os galhos laterais, fixavam os dois maiores à parte mais alta do tronco, de um modo tal que aqueles galhos estendidos para os dois lados como os braços de um homem, e, junto com o corpo, formassem a imagem de uma cruz imensa e, sobre a casca, em diversos lugares, também inscreviam a letra tau” (Maurice, *Indian Antiquities*, VI, pág. 49).

Até hoje nos desertos da Tartária prevalece o budismo a atribuir honras especiais à cruz comumente exposta, enfeitada com folhas, flores e frutos por ser considerada a árvore divina, a árvore dos deuses, a árvore da vida e do conhecimento (Cor. Wilfor, Asiatic Researches, vol 10, pág. 124).

Revela notar-se, portanto, a inspiração budista no emprego católico da cruz cantada e descantada na “sexta-feira da paixão” na condição de árvore nobre a dar flores e frutos (“... inter omnes arbor una nobilis: nulla silva talem profert, fronde, flore, germine”).

A própria China praticou esse culto. O seu antiquíssimo imperador Hien-Yuen, para honrar a divindade, juntava em cruz dois pedaços de madeira (P. Premare, Du Chouking, cap. IX, pág. 10).

Também no Continente Americano, muito antes de sua descoberta, entre os indígenas esse objeto se cercava de veneração. No México, por exemplo, contribuíram-se grandes cruzes de pedra (Prescott, Conquest of Mexico, vol.I, pág. 242).

Quando Babilônia foi arrasada pelos medo-persas o sumo pontífice, em companhia de sacerdotes, fugiu para a cidade de Pérgamo, levando vasos sagrados e dentre as imagens e da cruz. Desde o acolhimento dessa gente e desses objetos idólatras. Pérgamo se transformou em trono de satanás (Ap 2:13).

Dessa cidade da Ásia Menor os sacerdotes idólatras, carregando sempre sua bagagem religiosa, atravessaram o mar e se fixaram na Península Itálica, a “terra saturnina” (Ovídio, Fasti, lib. VI, 11; Plínio, Hist. Nat. III, 5), instalando em Roma o centro do babilonismo que, no futuro, se chamaria catolicismo.

Dentre uma infinidade de nome Tammuz recebeu aí o de Baco, cuja imagem trazia na testa uma faixa coberta de cruzes.

As virgens vestais de Roma pagã, como fazem hoje as freiras católicas, portavam essa imagem dependurada ao pescoço.

Oriunda da Babilônia, o berço da antiga idolatria, a cruz se espalhou como objeto de culto entre todos os povos e todas as tribos.

.oOo.

## **A CATOLICIZAÇÃO DA CRUZ**

Nos primeiros séculos do Cristianismo nem se supunha o seu emprego. Considerando-a patíbulo da vergonha e humilhação e objeto idólatra em uso no paganismo, aos cristãos primitivos, fiéis à Sã Doutrina, repugnava semelhante figura.

**NO EGITO A PRIMEIRA CRUZ “CRISTÃ”** – Em resultado das incursões missionárias o Evangelho atingiu o Continente Africano, onde e, em particular no Egito, lamentavelmente a Evangelização, em decorrência de vários fatores, foi incompleta. Tipo “moda frente única”. Coberto na frete e total descoberto nas costas. À falta de doutrinação sério, evangelismo de retaguarda exposto a todas as infiltrações da heresia.

Evangelismo, de resto, em seus métodos superficiais, hoje muito em voga, a lançar a semente da Palavra de Deus facilitada ao sustento das aves do diabo, alegoria das heresias (Mt 13:4,19).

Aludindo à cristianização do Continente Africano e, em especial, do Egito, o próprio Tertuliano, escritor dos meados do século III, em sua obra De Corona Militis (Vol. II, cp. III) observava que os cristãos lá estavam infectados pelo velho fermento do paganismo idólatra.

Foi nesse cristianismo frágil do Egito dos fins do século II e inícios do século III que surgiu a chamada CRUZ CRISTÃ exibida em monumentos cristãos sob o inequívoco TAU pagão, “símbolo da vida” por ser representação do deus TAMMUZ, conhecido no Egito como Osíris (Wilkinson, Egyptians, vol. V, págs. 283, 284). E foi sob essa forma de T, o tau babilônico, semelhante ao T (tau) grego, que a cruz no catolicismo foi adotada nos primeiros tempos do seu uso.

Importa frisar (e o fazemos em vigorosas cores e acentuado realce), importa frisar que o emprego da cruz entre os cristãos no Egito nessa época não tinha qualquer referência à crucifixão de Cristo. Era pura e simplesmente o resultado do apego aos velhos e mui estimados símbolos pagãos. Apego esse sempre forte em quem, conquanto adote o nome de cristão, continua, no coração e sentimentos, sendo idólatra.

**IN HOC SIGNO VINCES** – Entre os primitivos cristãos de Roma contudo não se encontra qualquer vestígio de respeito à cruz sob qualquer forma e a qualquer pretexto. O seu repúdio à idolatria, inimaginável para os evangélicos atuais, atingia o ponto de serem eles tachados de ateus.

O ideal fascinante do imperador Constantino Magno se fixava na restauração da unidade imperial dos tempos de Otávio Augusto, somente possível naquela conjuntura histórica, depois da derrota de Maxêncio, instalando na Capital de Roma. Unidade essa, única barreira capaz de reprimir as ameaças da invasão dos povos bárbaros.

Descendo das Gálias, à frente de exércitos, Constantino penetra a Península Itálica e marcha em direção de Roma. Anela dominar a Capital e subjugar os exércitos de Maxêncio. A refrega tornara-se árdua. E no auge da batalha, quando a expedição rebelde periclitava, de acordo coma lenda, Constantino, numa prodigiosa visão, contempla em pleno dia as alturas do céu, luminoso, o Troféu da cruz com a famosa inscrição: IN HOC SIGNO VINCES (“com este, ou neste, sinal vencerás”)

Na noite seguinte, prossegue a lenda, enquanto dormia o insurreto Constantino, apareceu-lhe Cristo mostrando a cruz e o orientou a usá-la no seu lábaro militar.

Essa lenda engendrada por Eusébio (De Vita Constant., lib. I, págs. 28,29) é, contudo, relata de modo diferente por outros “pais da igreja”, como Lactânio (De Mortibus Persecutorum, 44) que recusa o sinal da cruz naquela visão em lugar do qual afirma haver aparecido o NOME de Cristo. Ambrósio, outro “pai da igreja”, aceita o relato de Lactêncio e chama o famosíssimo lábaro, o estandarte de Constantino, de “Labarum, hoc est Christi Sacratum Nomine signum” cuja versão potuguesa é: “O lábaro, isto é, o símbolo consagrado pelo NOME de Cristo” (Ambrosii Opera, Vol. IV, pág. 327).

Diz ainda a lenda, contradita em seus pormenores importantíssimos pelos próprios escritores católicos, que, no dia seguinte à visão e ao sonho de Constantino, os soldados acicatados pela imagem da cruz posta pelo lábaro se empenharam com bravura redobrada. Travou-se batalha renhida e decisiva sobre a ponte de Mílvia e a derrota de Maxêncio, agora consoante a História, significou a reunificação ecumênica da grande potência imperial.

A verdade da História contesta essa visão e o sonho de Constantino!

O fato verídico é de que o ambicioso rebelde, verificando o poder do sentimento religioso no revitalizar energias combalidas, naquela circunstância decisiva sobre a ponte de Mílvia e a derrota de Maxêncio, agora consoante a História, significou a reunificação ecumênica da grande potência imperial.

A verdade da História contesta essa visão e o sonho de Constantino!

O fato verídico é de que o ambicioso rebelde, verificando o poder do sentimento religioso no revitalizar energias combalidas, naquela circunstância decisiva de sua guerra contra Maxêncio, mandou gravar no lábaro uma cruz com o propósito deliberado de incentivar seus soldados cristãos e pagãos.

Os pagãos devotos desse símbolo dos seus deuses. Os cristãos nominais já em expressiva quantidade no império influenciados pela



mentalidade de respeito religioso à cruz importada do Egito onde, como verificamos, principiou a “cristianização”, dessa imagem.

**O LÁBARO** – É uma palavra de procedência oriental. Em sua etimologia denota aquilo “que ondeia de um lado para outro”, pois vem de LAB (= “vibrar” ou “movimentar-se de um lado para o outro”) e AR (= “estar em atividade”).

Assim entendido, lábaro é sinônimo de bandeira ou pendão. Neste sentido encontra-se em nosso hino pátrio.

De uso muito frequente nos exércitos romanos antigos, sua forma, contudo, é diversa da nossa bandeira. Esta é portada numa só aste.

O lábaro era uma cruz com uma lança de ferro na extremidade superior e dos seus braços pendia um véu de púrpura com águia pintada. A águia, símbolo do poder romano.

A forma em cruz era de inspiração religiosa para excitar os combatentes à luta.

Nestes últimos anos temos visto vez ou outra rapazes membros de certa sociedade cívico-religiosa ou percorrer as ruas das cidades, sobretudo das maiores, revestidos de uma capa vermelha, promovendo campanhas com vários pretextos, a imitação das milícias romanas, sob um lábaro também vermelho com um leão bordado.

**O LANCE POLÍTICO DE CONSTANTINO** – Vencida a refrega instalou-se outra vez o império romano, único e ecumênico, na concretização dos sonhos de Constantino Magno.

Se o império sempre perseguira os cristãos, o novo monarca, informado do seu grande número na extensão de seus domínios, decidiu adotar política diferente da dos seus antecessores. Ao invés de persegui-los integrou-os no seu plano ecumênico.

Esses cristãos constantinianos, em número expressivamente superior ao dos legítimos, eram os degenerados. Minados pelas práticas do velho paganismo e com elas, no seu sincretismo, comprometidos.

Em 325 o soberano convocou um concílio, ou seja, uma assembleia de todos os bispos desse cristianismo sincretista. É o conhecido Concílio de Niceia, o primeiro concílio ecumênico reconhecido como tal pelo catolicismo romano.

Nesse concílio convocado, presidido e cujas resoluções foram impostas à execução pelo próprio imperador, fundou-se oficialmente o catolicismo. A facção corrompida do cristianismo pontificada por Constantino tendo abdicado da Verdade Integral e Pura do Evangelho

passou ao serviço da política do mundo na sustentação dos ideais ecumênicos – imperialistas do monarca.

Se o catolicismo é sinônimo de ecumenismo, a nova religião, com a tática sincretista de facilitar a adesão das massas bárbaras, prestou, pelo menos de início, a Constantino ponderável a valiosa contribuição, ao oferecer lastro religioso aos seus planos de domínio universal.

Instalou-se, por conseguinte, a reunificação do grande império ecumênico de Roma ao mesmo tempo do nascimento do catolicismo.

O fato foi celebrado por Constantino Magno com a ereção, em Roma, de uma estátua dele próprio sustentado a cruz, com a seguinte inscrição ditada por ele mesmo: “Por este sinal salutar, verdadeiro símbolo da força, é que libertei vossa cidade do jugo da tirania e dei liberdade ao senado e ao povo romano, para os estabelecer em sua majestade e esplendor antigos” (Eusébio, Vita Constant., lib.V, cap. XXXIII).

E a partir do soberano fundados do catolicismo, os imperadores do Oriente, sucessores de Constantino, que transferira a sede do império e ele mesmo se mudara para Constantinopla, quando falavam ao senado, precediam sua alocução com sinal da cruz (Corrip., De Laud. Just. Jr.).

**SALAME, PÃO, QUEIJO, RAPADURA** – Desde criança participava eu de todos os programas religiosos de minha paróquia no Interior do Estado de São Paulo, sobretudo da semana “santa”. Não perdia nenhuma via-sacra.

Nas procissões do “encontro doloroso” e do “enterro do Senhor Morto”, além de outras insígnias e estandartes, saía, à imitação dos idos tempos do império romano, o lábaro em cor roxa, a cor da tristeza pela paixão. E no lábaro, bordadas em ouro-velho, as siglas S.P.Q.R. extraídas daquela inscrição da estátua de Constantino e que querem dizer: SENATO POPULOQUE ROMANO (= “ao senado e ao povo romano”).

Embora na semana “santa” faltassem as comilanças das habituais quermesses das festividades católicas, nós, a garotada, traduzíamos as siglas do lábaro S.P.Q.R. como SALAME, PÃO, QUEIJO, RAPADURA, ingredientes habituais do nosso lanche escolar.

Certo dia, conversando com meus companheiros, dissemos essa explicação da famosa sigla. Ouvindo, o nosso vigário deu-nos uma ardorosa reprimenda porque, conhecedor da chacota, já várias vezes havia explicado ao povo o seu verdadeiro significado.

Mas se daquelas solenidades não tenho saudades algumas, de quando em quando lembro-me com saudades do nossos farnéis de salame, pão, queijo e rapadura que valem infinitamente mais do que toda aquela

geringonça romanista, de procedência tão espúria e comprometida com a política de um ambicioso.

### **A DESCOBERTA DA VERDADEIRA CRUZ DE CRISTO –**

Tão tardia a narrativa fantasiosa do descobrimento ou invenção, como diz a liturgia romanista, da cruz de Cristo, quão mirabolantes as da visão e do sonho do imperador, porquanto somente a partir do século V que se principiou nos monumentos católicos a representar o patíbulo do suplício de Cristo e assim mesmo desprovido da imagem do Crucificado. Este pormenor, aliás, é altamente revelador por demonstrar que até então a cruz conservava as reminiscências do T babilônico empregado no culto pagão do Egito.

Só com o “papa” Gregório Magno (falecido em 604), portanto pelo fim do século VI é que se juntou essa imagem à cruz (J. Leal, *El Misterio del Crucifijo*, págs. 310-343; U. Holzmeitner, *Cruz Domini atque cruxifixio*, quomodo ex arcaeologia Romana illustretur; M. Gómez-Pallete, *Cruz y Crucifixion*, págs. 535-544; A. Sans, *Historia de la Cruz y Crucifijo*).

Ao incremento da cruciolatria exacerbado durante a Idade Média contribuiu decisivamente a ampla propagação das histórias fantásticas sobre a cruz e de seus fantasiastas milagres.

Evento e milagre simultâneos divulgaram os sacerdotes cruciolatras no tocante à descoberta do madeiro-suplício de Jesus Cristo.

Relata a lenda a preocupação piedosa de “santa” Helena, mãe do imperador Constantino, quanto a encontrar a verdadeira cruz de Cristo. Determinou com esse objetivo escavações no Monte Calvário.

Descobriram-se três cruzes jogadas e enterradas num barranco. Aqui a lenda já tropeça na sua própria inverdade, pois o Gólgota se prestava a crucifixões incontáveis. Lá não foram crucificados só Cristo e os dois malfeitores).

Prossegue o mirabolante relato! Helena ficou perplexa e angustiada. Qual teria sido daquelas três cruzes do Salvador?

A conselho do bispo Macário conduziram as três cruzes a uma nobre senhora de Jerusalém, atacada de moléstia incurável e na agonia da morte. Ao contato da primeira e da segunda, não experimentou melhora alguma. Porém, ao tocar na terceira, eis o prodígio! Era a legítima cruz de Cristo!

Por orientação do próprio Macário, no objetivo de uma inquestionável confirmação, encostou-se a um defunto. Sua pronta e estupenda ressurreição, comprovou em definitivo a autenticidade dessa cruz como sendo a de Jesus Cristo.

Em regozijo Helena mandou edificar em Jerusalém a “igreja” do Calvário. E para que o instrumento do suplício de Jesus não caísse em

poder do infiéis dividiram-no em muitos pedaços, que foram distribuídos por toda a catolicidade. Em Roma e em Paris guardaram-se e veneram-se dois fragmentos consideráveis.

Onde mais se encontram esses fragmentos não se informa. Os da Capital da Itália e da França sempre permaneceram ocultos e jamais submeteram-nos a quaisquer investigação e confronto científicos.

A fantasiosa historieta, embora em manifesto conflito com o bom-senso e os próprios fatos, como o da total impossibilidade da conservação da frágil madeira por três séculos soterrada, a fantasiosa historieta até hoje rende os seus altos dividendos à dogmática mefistofélica do catolicismo.

**AS CRUZADAS** – Em número de oito são as devastadoras expedições organizadas pela hierarquia romanista entre os anos de 1095 e 1269 com o fim de, expulsando os muçulmanos da Palestina, conquistar para o catolicismo os Santos Lugares.

O nome procede do uso de uma cruz de pano como distintivo, costurada sobre a roupa dos soldados.

Conquanto as cruzadas em seu tenebroso vandalismo devastador exigiram a vida de milhões e milhões de pessoas (somente a primeira custou a meio milhão). conquanto não expulsaram da Terra santa os muçulmanos até hoje lá instalados, as cruzadas espoliaram o Oriente Médio de suas riquezas em jóias, em obras literárias e de artes outras e, ainda ma

.oOo.

## **O CATOLICISMO, A RELIGIÃO DA CRUZ**

Pela cruz embalado, sempre viveu dela e dela jamais poderá eximir-se.

Se o seu chefe máximo, se o seu sumo-pontífice, o “papa”, é o próprio anticristo, a organização dele ou o seu sistema é representado pela mulher “mãe das prostituições”, e “a grande Babilônia” mencionada em Ap. 17-18, figurada nas páginas do Velho Testamento pela idólatra Babilônica geográfica.

Se a Babilônia da Mesopotâmia é o manancial do culto idólatra naquele passado remoto, a Babel-Roma, como a incomparável

adulteradora do Evangelho, tendo o seu útero enxertado pelo sêmen do seu “papa”, está aí, desde 325, a reproduzir seguidas formas de idolatria, todas vinculadas ao sinal da cruz que a todas justifica e que, por isso, é o sinal da besta. “Signum maximum atque sublime”, na conceituação de Lactânio (Dev. Instit., lib. IV, cap. XXXVI). Magna res sigum crucis (= “o sinal da cruz é uma grande coisa”), lembra Eligero (De Rectitudine Cathech. In. Op. Aug., t.VI).

Na teologia católica realçam-se sete “sacramentos”, os quais, na sofismática romanista, produzem a graça ex opere operato, isto é, por virtude própria. Explico! Os efeitos do sacramento aplicado são sempre infalíveis, sem levar em conta as disposições do sujeito que o recebe e nem as condições do ministro celebrante. No caso do batismo, por exemplo, a criança inconsciente ignora por completo o que se passa com ela durante a sua administração e pode até ficar dormindo (que, aliás, o sacerdote gosta porque assim se livra da zoada do choro). E o administrante pode estar até bêbado. O sacramento infalivelmente vale. O batismo produz todos os seus efeitos. A magia romanista, portanto, excede em poder, e em muito, a da velha Babilônia.

Conquanto não seja a cruz considerada sacramento, teólogos de grande peso atribuem-lhe idêntico poder ex opere operato, o de dar resultados por si mesmo, sem dependência das disposições de quem faz o seu sinal. É assim uma espécie de talismã das fadas que a tudo transformavam em ouro.

Santifica e protege tudo quanto toca, tanto o homem como as demais criaturas, também as inanimadas.

Em defluência dessa crença nos poderes mágicos da cruz, ela é utilizada em todas as circunstâncias, sob todos os pretextos, nas celebrações dos “sacramentos”, nas bênçãos, nas devoções, como imagem e nas imagens. Sempre e em tudo. A suposta “igreja” começa, continua, acaba tudo com o seu sinal.

Ap. 13:16 fala desse sinal na MÃO DIREITA e NA TESTA.

Na mão direita dos hierarcas e sacerdotes, mentores e discípulos da “mãe das prostituições”, presta-se à administração dos “sacramentos” e à bênção de todas as coisas.

A primeira coisa que, com a mão direita, faz sobre os seu fieis ao saírem do seio materno. E a última, quando os entrega às entranhas da terra.

Monsenhor Gaume, em seu livro: LE SIGNE DE LA CROIX (obra essa honrada pelo “papa” Pio IX com um “breve” especial) conserva este ímpeto de pieguice para com a praxe da cruciôlatra “igreja” quando ao uso de,

com a mão direita, lançar esse sinal sobre os seus fiéis: “Eis a primeira saudação, e o último adeus aos filhos de sua ternura: o sinal da cruz.

E do berço ao túmulo quantas vezes o traça sobre o homem?

No batismo onde ele se torna filho de Deus, o sinal da Cruz; na confirmação, onde se torna soldado da virtude, o sinal da cruz; na extrema-unção, onde é fortificado para o último combate, o sinal da cruz; na ordem e no matrimônio, onde é associado do próprio Deus, o sinal da cruz” (pág. 45).

O próprio “papa”, o anticristo ( e não poderia ser diferente!) se apresenta a portar na mão direita a título de cajado do seu pastoreio, um crucifixo em longa vara de metal. Em suas viagens internacionais sempre urge de crucifixo em punho nos momentos marcantes.

Em cima dos automóveis quando se locomove de um lugar para outro, ao caminhar rodeado de multidões, nos palanques dos seus comícios, nas tribunas das suas arengas, lá está ele de braços abertos a traçar cruces com a MÃO DIREITA sobre seu povo devoto ou os curiosos.

Seus bispos, cuja assinatura é antecedida de uma pequena cruz, e sacerdotes a tudo sacramentam, sagram e consagram com a marca da idolatria, a cruz, traçada com a MÃO DIREITA sobre pessoas e objetos.

Se os clérigos a tudo benzem com o gesto da cruz por sua MÃO DIREITA feito, os fiéis riscam-no sobre o rosto também com a MÃO DIREITA.

Aliás, há dois modos de se benzerem eles com o sinal da cruz: o simples e o chamado persignação.

O simples consiste num singelo sinal da cruz traçado com a destra espalmada, dedos unidos, tocando-se o indicador e o médio na testa quando se diz: “*Pelo sinal da santa cruz*”, nos lábios e se profere: “*livre-nos Deus nosso Senhor*”, e no peito, concluindo-se com as palavras finais: “*dos nossos inimigos. Amém*”.

O emprego da MÃO DIREITA nesse ato, tanto da parte dos sacerdotes como da dos fiéis não é arbitrário. Alega-se a superioridade da dextra sobre a mão esquerda, de conformidade com a afirmativa de “são” Justino: “porque a direita é mais nobre que a esquerda” (= “propterea quod dextra manus praestantior censetur quam sinistra”). E também a de “são” Gregório (Moral., lib. XX, cap. XVIII): “Ipsa enim locutionis uso pro dextro habere dicimur, quod pro magno pensamus; prosinistro vero quod despiciamus” (= “o modo de entender dentre os homens é ter por nobre e mais precioso o que fica à direita; e comum e menos precioso o que fica à esquerda”).

Ao argumento católico da superioridade da MÃO DIREITA para o sinal da cruz, nós juntamos o das Sagradas Escrituras de Ap 13:16 que é, aliás,

o argumento verdadeiro: ele é feito com a MÃO DIREITA por ser o SINAL DA BESTA.

Na MÃO DIREITA, da parte dos clérigos para demonstrar o seu predomínio sobre os fiéis. E da parte destes, a sua subserviência servil e serviçal à besta e ao sistema idólatra.

Qual brasão os católicos trazem o fatílico sinete na FRONTE a fim de se cumprir a Palavra de Ap 13:16.

É-lhes imposto já no “batismo” quando o sacerdote celebrante lhes traça na testa e quando lhes despeja em forma de cruz as gotas d’água.

Quando de joelhos no confessionário a acusar os seus pecados ao confessor, este lhes dá a absolvição traçando sobre a sua frente a cruz.

Na sua agonia ao aplicar-lhes o “sacramento” da extrema-unção ou unção dos enfermos, ainda na frente com o polegar molhado do óleo santo, aplica-lhes idêntica marca.

Ao encerramento dos festejos do carnaval, os fiéis se prosternam perante o clérigo no objetivo de receber dele a imposição das cinzas que, ao gesto da cruz, lh’as impõe no alto da testa.

Em suas devoções públicas e particulares riscam-na os devotos na frente: *“Frontem crucis signaculo terimus”*.

Agostinho de Hipona, intérprete da teologia cruciôlatra do catolicismo, exclama: “nom habeam nudam frontem; tegat eam crux Domini mei = que não tenha eu uma frente nua; seja ela sempre coberta com o sinal do meu Senhor” (In Ps. Cap. XXXI).

E à revelia de qualquer passagem das escrituras, ainda assevera o mesmo Agostinho: *Signum suum Chrstus in fronte nobis figi voluit* = “Cristo quer que o Seu sinal (o da cruz) fique sempre impresso em nossa frente” (In Ps., cap. CXXX).

A inteligência ou a mente é a faculdade mais nobre do homem. E seu órgão é o cérebro através do qual ela se manifesta. Por isso, de todas as partes do corpo humano a cabeça é a mais notável. Como SINAL DA BESTA, a cruz é posta na frente dos filhos da “mãe das prostituições” em testemunho público da sujeição deles à idolatria. Da subserviência cega do intelecto ao sistema católico, manancial de todas as corrupções do Evangelho.

Por causa do emblema da besta neles se cumprem as maldições do Salmo 115:4-8.

Religião da cruz, ostenta-a à farta o catolicismo!

No seu pontífice que a carrega e a traça com a sua destra de anular enriquecido de preciosa gema. Nos seus bispos, cuja assinatura é precedida pela cruz e que, em ouro e presa a uma corrente também de ouro ou a um cordão de seda, a levam sobre o peito como símbolo de sua

autoridade episcopal. Na administração dos seus “sacramentos”, nas suas bênçãos sobre a FRONTE dos seus fiéis escravizados.

Exibe-a no vértice dos seus templos, reduto de suas abominações. À beira das estradas para assinalar o local da morte. Esculturada nos mausoléus. A encimar singelas campas e os sepulcros rasos.

A preceder as procissões. Bordada ou pintada em suas alfaias. Impressa nas hóstias transubstanciadas no Corpo Físico de Cristo.

Religião da cruz, em sendo a “mãe das prostituições”, o catolicismo junta-a à idolatria crassa por não lhe bastar a cruz como simples sinal. Nela afixava a imagem de Cristo. É o CRUCIFIXO!

**O CRUCIFIXO:** a cruz com o corpo de Cristo pendurado.

Imagem sobre imagem, a imagem de Cristo Padecente sobre a imagem da Cruz, o crucifixo tem sua presença devocional nas cabeceiras das camas e ao pescoço dos fiéis. E sua presença indispensável no altar da missa, o ato culminante da idolatria católica. Introduzido o costuma somente em fins do século XII e prescrito como obrigatório por Pio V, o crucifixo no altar da missa assinala a ambicionada identidade do cognominado “santo sacrifício da missa” com o Calvário, o qual aquela liturgia quer renovar e repetir.

.oOo.

## **TEOLOGIA DA CRUZ**

Transportado, via cristianismo semi-pagão do Egito, do velho paganismo babilônico, o uso da cruz, como já verificamos em páginas anteriores, distingue, como a religião desse sinete o catolicismo, a gigantesca impostura montada em cima de uma ridícula farmacopéia mística. E nem poderia ser diferente por ser ele “a mãe das prostituições e das abominações da terra”.

Se da Babilônia do Eufrates saiu a antiga idolatria, nas entranhas da Babilônia mística, a adulteradora da Verdade do Evangelho, e por isso é a grande prostituta, é gerado o culto falso a Deus na forma da idolatria ou culto de imagens. Difundido e incrementado no mundo inteiro apresentase, em nome do próprio Evangelho e a conspurcar o Nome Sagrado de nosso Senhor Jesus Cristo, esse culto falso porque ao “papa”, o anticristo,



compete a diabólica missão de enganar e seduzir os habitantes da terra” (Ap 13:14).

“*Mãe das prostituições e das abominações da terra*”, “*mestra das feitiçarias*”, a religião católica é incomparavelmente pior do que a Babilônia histórica, o seu modelo. Como modelada ou tipificada saiu ela muito mais funesta e prejudicial do que a sua predecessora e tipo.

Na escalada de suas adulterações, em sua sofismática, no propósito de embair a boa fé das multidões, arrazoa com passagens bíblicas o seu culto à cruz.

Se em sua teologia omitisse alusões às Sagradas Escrituras, simplesmente estaria dando prosseguimento ao culto da antiga Babilônia.

“*Mãe das prostituições*”, útero enxertado pelo seu “papa”, além de empregar uma terminologia bíblica com significado por completo distorcido, recorre a passagens e pronunciamentos das Escrituras. Falsifica-lhes o sentido. Isola-os do seu contexto. E, com desplante diabólico, sobre eles constrói seus dogmas em manifesto conflito com o teor da Palavra de Deus.

Com o sinal da cruz o seu comportamento segue o fulcro de sua imoral sofismática ao proclamar encontrar-se na Bíblia a prova da legitimidade divina do seu emprego. Ou em outras palavras: a teologia católica, com aquele cinismo que a caracteriza, apregoa ser bíblica a aplicação do sinal da cruz como fonte de bênçãos celestiais, como símbolo da fé e como dialéticas, a cruz deve ser venerada e adorada porque esta prática está na Bíblia.

Enfileiremos algumas católicas provas bíblicas no criminoso esforço de amolgar Textos Sagrados à feição da cruciolatria:-

1) – A primeira Passagem das Escrituras arrolada pelo embuste da idolatria é a da despedida do moribundo Israel.

A volta de Jacó agonizante se postam seus doze filhos, os futuros pais das doze tribos. Inspirado por Deus, o velho patriarca anuncia a cada um deles acontecimentos do porvir.

Sensibilizado à vista de Efraim e de Manassés, filhos de José, invoca sobre eles especiais bênçãos de Deus. E ainda inspirado por Deus, “*estendendo a mão direita, colocou-a sobre a cabeça de Efraim, que era o menor e a esquerda sobre a cabeça de Manassés, dirigindo as mãos assim propositadamente, sendo embora este o primogênito*” (Gn 48:14).

Para realizar este gesto Jacó encruzou os braços porque colocou a mão esquerda sobre Manassés, postado à sua direita; e a mão direita sobre Efraim à sua esquerda. Concluo sofisma: é a prática bíblica do sinal da

cruz como manancial de bênção celestiais, assim também entendido pela cognominada tradição divina. Na sequência deste raciocínio falso cita as palavras de “são” João Damasceno, um dos representantes dessa tradição: Jacó encruzando as mãos para abençoar filhos de José, faz o sinal da cruz= “Jacob alternatis cancellatisque manibus, filio Joseph benedicens, signum crucis manifestissim scripsit” (De Fid. Orthod, lib. IV, cap. 12).

Refere ainda às declarações de Tertuliano: “O Antigo Testamento nos mostra Jacó abençoando os filhos de José, com a mão esquerda sobre a cabeça do que ficava à direita e com a direita sobre a do que lhe ficava à esquerda. Nesta posição, elas formavam a cruz e anunciavam as bênçãos de que Cristo devia ser a origem = *Sed est hoc quoque de Vetero Testamento, no nepotes suos ex Joseph, Ephraim et Manasses, Jacob, impositis capitibus, et untermatatis manibus, benedixerit, et quidem ita transversim obligatis in se, ut Christum deformantes, iam tunc protenderet benedictionem in Christum futuram*” (De Baptism).

2) Em rumo da Terra Prometida, socando a areia escaldada dos desertos, caminham os hebreus. Surgem-lhe de encontro os amalequitas. Trava-se tenaz batalha. O episódio é decisivo. Derrotados os israelitas fracassaria Deus em Sua Promessa de lhes dar a pátria farta de leite e mel.

Moisés, o grande condotiero, recua da vanguarda dos seus batalhões. Galga a montanha que domina a planície da refrega. Volta seu rosto para os céus. E em súplica ardente abre os braços. Braços estendidos é a cruz viva e exorar o Senhor. A presença de Deus se manifestou instantânea. Graças ao sinal da cruz em Moisés orante a vitória brilhou na bravura dos hebreus.

“O Amaleque, foram aquelas mãos estendidas em cruz que te venceram!” = *Manus crucis instar extensae, te, Amalech, repulerunt*”, suspira o piegas João Damasceno ( De fid. Orthod. Lim. IV, cap. 12).

O arraçoado romanista recorre também aqui às declarações dos seus teologastros. A Justino que diz: “Moisés na montanha com as mãos estendidas até ao por do sol, amparado por Hur e Arão não é outra coisa senão o sinal da cruz= *Mouses cum manus eius sustentarentur, quod sane nullam aliam nise crucis figuram exhibet* (Dial. Cum Tryph, 666)

Um 666 me impressiona! Se é o número da besta vem a propósito!

Em meu livro **666** – APOCALIPSE 13:18 demonstro porque ele é, de fato, número da Besta.

3) Nesse enxurro de arranjos sofisticos extraídos de Passagens Bíblicas falsificadas pela “*Mestra da feitiçarias*” não poderia se ausentar a

historia da serpente de metal, a definitiva “prova” bíblica da liceidade divina do culto das imagens, como quer a teologia católica.

“Prova” entrespeada exatamente porque o episódio condena a idolatria tendo-se em vista o fato de haver o reto rei Ezequias espatifado-as (II Rs 18:3-4), ocorrência esta omitida de propósito pelos sacerdotes idólatras.

Narra o Registro Sacro a exasperação rebelde do povo hebreu, que por isso foi afligido por “*serpentes abrasadoras que o mordiam; e morreu muita gente em Israel*”. Comiserado, determinou o senhor a Moisés fizeste “*uma serpente de bronze e pô-la sobre uma haste*”. Todo o mordido olhando para ela curava-se (Nm 21:4-9).

Também nessa serpente de bronze alçada no poste de madeira a teologia católica que quer ver o sinal da cruz.

É preciso muita imaginação ou má-fé em dose concentradíssima para chegar a essa conclusão.

4) – Até na “oferta de movimento” (Lv.23:15, 17, 20) feito pelo sacerdote quando da celebração de holocaustos no Antigo Testamento, pretendem os teologastros da grande Babilônia ver esse sinete característico do catolicismo.

Se o delírio chega a esses extremos não nos causa pasmo ao vê-los forçar o próprio Sanção a fazer o sinal da cruz.

Quando Sansão foi levado à sala do festim dos filisteus forçaram-no a, embora de olhos vazados, brincar para diverti-los. Arrimou-se numa coluna com a mão direita, e na outra com a esquerda, deu-lhes com sua descomunal força recuperada, tamanho solavanco que derrubou o telhado do prédio sobre os três mil aglomerados no salão da festa ( Jz. 16:23-30).

A sofismática romanista vê Sansão a fazer o sinal da cruz quando, de braços abertos, apoia suas mãos nas colunas, Segue ela também aqui a mirabolante interpretação de Agostinho: *Iam hic imaginem crucis attendite: expansis enim manus ad duas colunas, quasi ad duo signa crucis extendit; sed adversarios suos interreptos oppressit, et illius passio interfectio facta est persequentium*= “Vede aqui a imagem da cruz! Colocado entre duas colunas, que sustentavam todos o edifício, estende seus braços em forma de cruz; abala as colunas e esmaga seus inimigos, morrendo no meio do seu triunfo”(Serm. 107, De Temp.).

5) – A sofreguidão idólatra dos sacerdotes da “*mãe das prostituições*” quer encontrar no santo rei Davi um devoto do sinal da cruz.

Quando oprimido por circunstâncias gravíssimas suscitadas por um filho parricida, os súditos revoltados, a velhice a lhe vergar os ombros, o trono vacilante...

Que fará o monarca?

Orará, fazendo o sinal da cruz!

Os sofistas dessa maneira concluem lembrando o Sl 77:2: *“No dia da minha angústia busco ao Senhor; de noite a minha mão fica estendida e não se cansa”*.

6) – Sem qualquer pejo porque habituados às mais esdrúxulas “interpretações” da Bíblia cobiçam também um Salomão devoto da cruz.

Sonham vê-lo a presidir as pomposas solenidades da inauguração do magnífico Templo de Jerusalém praticando a devoção ao seu sinal, quando diante do altar do senhor, estende as mãos para os céus e em oração dedicatória consagra a Deus o Santuário (I Rs 8:22 ss).

7) – Se, consoante a volúpia idólatra, os patriarcas, juízes, profetas e os reis de Israel foram devotos do sinal da cruz, seguiram-lhes o exemplo os próprios apóstolos.

Propagam-no desde o Oriente até o Ocidente. Em toda a parte, em Jerusalém, em Antioquia, em Atenas, em Roma... Entre os judeus. Aos gregos e aos bárbaros...

Neste delírio de deslavada escroqueria intelectual a que Texto das Escrituras podem recorrer os teólogos da cruciolatria?

Abismem-se os leitores!

Estribam-se em I Tm 4:4-5: *“pois todas as coisas criadas por Deus são boas, e nada deve ser rejeitado se é recebido com ações de graças; porque pela Palavra de Deus e pela oração são santificadas”*.

O pronunciamento do Apóstolo nem de longe de distância infinita vislumbra qualquer sinal da cruz.

A teologia idólatra, contudo, aceita com aplausos a “explicação” de “São” João Crisóstomo, um dos seus “pais da igreja”. Afirma ele: *“Paulus duo capita ponit, unum quidem quo areatura nulla communis est. Secundum, quod estsi communis sit medicamentum in promptu est. Signum ill-is crucis imprimere, gratias age Deo fl-oriam refere, et protinus immunditia omnis obscessit= Paulo estabeleceu duas coisas: primeira, que nenhuma criatura é imunda; segunda, que se o fosse, o meio de purificá-la é imediato. Fazia, diz, o sinal- da cruz sobre essa criatura, daí graças a Deus e rendei-Lhe Glória, que logo toda imundícia desaparecerá”* (In Tim. Homil., XIII).

Afinal, essa “argumentação bíblica” em prol do sinal marcante do catolicismo, no conjunto dos seus dislates, favorece-nos algo de muito positivo. A confirmação de ser, na verdade, o sinal da cruz o SINAL DA BESTA porque só por inspiração do dragão satanás uma instituição pode, no lúmgubre crime contra a inteligência, adulterar e corromper tanto os Textos das Sagradas Escrituras.

.oOo.

## O PODER DA CRUZ

Enraizado no acervo de sofismas corruptores da Palavra de Deus, como, em rápida amostragem, vimos no capítulo anterior, pode-se desde já inferir o poder do inconfundível amuleto católico.

O clero romanista dotado da satânica capacidade de poluir as Sagradas Escrituras sabe fantasiar lendas mirabolantes no intuito de enganar o povo, tornando-o presa segura de suas feitiçarias e explorações.

A idade Média, a época das trevas para o mundo, foi a idade áurea da “*mãe das prostituições*” quando pôde à vontade babilonizar o Evangelho e, no intuito de estupidificar as massas ignaras, inventar, com a sua imaginação incrementada por satanás, estupendos milagres, os fatores de credibilidade de suas absurdas doutrinas.

No medieval lendário romanista enfileiram-se os “prodígios” do sinete característico da “*grande Babilônia*”.

Da imensa cópia deles lembro alguns no desejo de comprovar a minha assertiva.

Dispensando qualquer alusão bíblica, por lhe ser absolutamente impossível se o quisesse, narra que o apóstolo Pedro, passando em certa ocasião por Pérgamo, com esse gesto, curou de cegueira a mãe do governador daquela cidade. Com semelhante portento o mesmo apóstolo beneficiou a mãe de um tal Teodoreto – *manum imposuit oculo, et salutaris crucis signo facto, morum expulit*= “sobre o olho impôs a mão e, tendo feito o sinal da cruz, expulsou a enfermidade” (S. Patr., Hist., in Pedro).

O arcediogo de Roma, “são” Lourenço, traçou o sinal da cruz sobre os olhos do cego Crescêncio, curado instantaneamente . Outros milagres de semelhante porte credenciaram-no a ter sobre sua memória o epitáfio: Qui

per signum crucis coecos illuminavit= “Lourenço, que pelo sinal da cruz iluminou muitos cegos”.

Ao cego postado numa ponte a pedir esmolas “santo” Eloi, bispo de Noyon, na França, recobrou, impondo-lhe o miraculoso distintivo, a visão (S. Quem, bispo de Rouen, Vida do santo, cap. XXIX).

“São” Froberto, abade de um mosteiro perto de Troyes, em Champagne, França, era ainda criança de colo. Acariciava-o, tendo-o nos braços, sua mamãe cega de há muitos anos. Embora inconscientemente o garotinho traça o bento amuleto nos seus olhos que de pronto de iluminam.

Se “são” Bernardo de Claraval dizem haver curado mais de trinta cegos. Outorgara-lhe outrossim extraordinários poderes o mesmo sinal para curar surdos, mudos e paralíticos.

Há seis anos Zoé estava muda. “São” Sebastião, comandante da primeira corte pretoriana no reinado de Deocleciano, aquele “santo” amarrado a um pau e de peito asseteado cujas imagens se postam nos altares e oratórios brasileiros, traça-lhe sobre a boca o emblema dos milagres e a moça explode a falar.

“São” Germano, bispo de Paris, não lhe fica a dever porque de certa feita viajando a Poitiers, cura com o sinal da cruz numa mulher muda e coxa.

“Santo” Eutímio, arquiandrita da Palestina, quando da invasão dos bárbaros na Arábia, restituiu as pernas ao paralítico de meio corpo, Terebon, filho do governador dos sarracenos.

“São” Vicente Ferrer e “santo” Anselmo também têm em suas fantásticas biografias espetaculares prodígios do poder do infalível talismã.

Dona Inocência, da cidade de Catargo, sofria de câncer, a terrível moléstia ainda hoje a desafiar as ciências médicas. Risca-lhe na testa a marca da cruz uma pagã. Foge-lhe o câncer. E Agostinho, que registra o “fato”, em sua De Civitate Dei (lei. XXII, cap. VIII), boquiaberto, pergunta: Quid grade fuit Christus sanare cancerum, qui quatruiduanum mortuum suscitavit?= “por que admirar-se de haver Cristo curado um câncer? Não ressuscitou um morto de quatro dias?”

No lendário católico aparece até um “são” Talaso Anacoreta. Narra o seu biógrafo Teodoreto qu, viajando o “santo” numa noite, é atacado por serpentes que lhe picam os pés e as mãos com mais de dez mordeduras. Esquiva-se de recursos medicinais. Bastou-lhe o sinal da cruz (“Sed nequetunc, passus est uti arte medica, sed vulneribus ahibet sola medicamenta: crucis signaculum”).

Até mortos o distintivo romanista ressuscitou! A vida de “são” Domingos, o sanguinário e cruel inquisidor que, em certo domingo ateou fogo a um templo católico apinhado de fiéis assistentes da missa onde se refugiaram alguns crentes evangélicos apossados por sanha odienta, a vida de “são” Domingos se repleta de portentos, dos quais lembramos um feito no poder do “maravilhoso” amuleto. Guttadona, matrona romana, indo ouvir-lhe a prédica, deixara em casa um filho doente. Retornando à casa, encontra o menino morto. Desesperada, leva, com o auxílio das crianças, o corpo inerte ao convento de “são” Xisto, residência do taumaturgo. Impertiga-se o “santo” e num gesto devoto, assinala com a cruz, o defunto, que, incontinenti, se ergue e, cheio de vida, abraça a mamãe Guttadona.

Os prodígios do mirífico sinal incluem o apagar incêndios, o desviar raios, o sustentar navios naufragos em mar encapelado, o amainar medonhas tempestades, o retornar a seu respectivo leito os rios enfurecidos nas inundantes e avassaladoras enchentes...

Milagres sobre milagres, os mais espetaculares se seguem nos anais do medieval lendário romanista...

“Santos” cujos nomes hoje caíram no esquecimento, “santos” devotos do portentoso sinete, realizaram-nos com fartura indizível... Niceto, Tibúrcio, Martinho, Honorato, Hilarião, Juliano Sabas, Amâncio, Julião, Efreem, Eutímio, Froberto...

A crer na imensa abundância dos fabulosos milagres as massas passaram a, desde aquelas eras medievais, dedicar intensa devoção ao carimbo cruciôlatra.

Ao embalo das narrativas de tais prodígios os pregadores conseguiram imbecilizar os fiéis subjugados ao SINAL DA BESTA, o anticristo, o “papa”.

Semelhante devoção inculcada nas mentes simples com a descrição de inumeráveis milagres e credenciada com o aval dos teólogos, alastrou-se e até hoje sobrevive.

Considero oportuna a transcrição da recomendação de “santo” Agostinho que, ao lado de Tomás de Aquino, é o maior teólogo do catolicismo. Vale ela, bem como todos os seus pronunciamentos, no contexto da teologia romana como uma definição de fé. Aconselha o luminar: Si forte aliqua ex causa expavescant, continuo se signent= “Se por qualquer motivo se atemorizam, façam logo o sinal da cruz” (Homil., lib. I,21).

Se as curas e os portentos encham os alfarrábios romanistas da Idade Média, nesses registros o demônio também se vê subjugado em sua fúria infernal pelo poder do onipotente sinal.

O “papa” Gregório Magno, um dos pontífices construtores do poderio clerical, narra o seguinte episódio, digno mesmo da credence estúpida: “Uma religiosa (freira) entrando na horta do convento, viu uma alface que lhe despertou o apetite. Apanha-a e sem fazer o sinal da cruz, come-a. No mesmo instante cai por terra, possessa do demônio e entra em medonhas convulsões. Corre logo a socorrê-la o venerável abade Equício que reza pedindo alívio para a desgraçada. O demônio atormentado começa a gritar: - o que foi que eu fiz? Eu não fiz nada! Estava eu lá bem quieto no alface. Ela é que a comeu sem me afugentar. Ordena-lhe, fazendo o sinal da cruz, o santo abade que, em Nome de nossos senhor Jesus Cristo saia do corpo daquela serva de Deus e que não mais a moleste. O demônio obedece; e a religiosa fica plenamente liberta” (Greg. Magno, apud Euseb. Proep. Evang., ib. IV, cap. XXII).

“São” Cirilo assegura: quando enim domones viderint, recordantur Crucifixi, effugant, declinant, recedunt = “ao verem-no (o sinal da cruz), recordam-nos” (Cyrill., Cathech., XIII).

Consoante a cruciolatria romanista o sinal da crua é armadura invencível dos cristãos: insuperabilis christiano rum armatura. Não há tentação diabólica que lhe resista a eficácia.

Signo crucis nihil efficacius ad effugendas tentationes = “nada mais eficaz do que o sinal da cruz para dissipar as tentações” (Ecberto, Lib. Domim., cap. XXI, apud Mons. Gaume, LE SIGNE DE LA CROIX, pág. 152).

De “são” Gregório, irmão de “santa” Macrina, o boatério guarda esta palavra excitante: “Se no momento da minha morte ousares (ó demônio) me atacar, eu te hei de pôr em vergonhasa fuga, fazendo o sinal da cruz” (Greg. Nazianz. Epist. 22).

E “são” Pedro Damiano aconselha: Se sentirdes que em vosso espírito surge em mau pensamento, fazei logo, com o polegar, o sinal da cruz, na certeza de que desaparecerá tal pensamento” (*Instit. Monast.*).

Prudêncio, outrossim, tem este verso:

*Crux pellet omne peccatum,*

*Fugiunt crucem postestatae inferi.*

*Tali dicata signo*

*Mens fluctuare nescit*= “A cruz preserva de todo pecado. Diante da cruz forgem as potências infernais. Santificada por este sinal a consciência não sabe vacilar” (apud S. Greg. Turn. Miracul., lib. I, cap. 160).

Essas declarações dos luminares da teologia do evangelho babilonizado e os “milagres” aludidos são além de suficientes para



corresponder ao meu interesse de demonstrar ser o catolicismo a religião cruciôlatra.

Particularmente obtive eu grande vantagem ao pesquisar o lendário romanista porque, além de fundamentar com seriedade este capítulo, pude desopilar-me com boas gargalhadas ao ler os registros dos mais deslavadas imposturas.

.oOo.

## **A FALÊNCIA DO PODEROSO AMULETO**

Após compulsar o lendário do cristianismo babilonizado e referir algumas manifestações de seus teologastros, eis uma pergunta:

Timbre dos fiéis católicos, para-raio do mundo pelos fabulosos prodígios sob sua eficácia produzidos, terror dos demônios pelo seu poder de subjugá-los, escudo invencível dos tentados conforme é proclamado, desfrutará ainda hoje de semelhante onipotência o sinal da cruz?

A resposta negativa encontramos-la sonora qual explosão de sarcasmo na situação do atual mundo dito cristão.

Pela cruz cegos veem? E por que os sacerdotes, por exemplo, de Aparecida do Norte, não lha impõem sobre os olhos vazados ou entenebrecidos pela cegueira dos coitados mendigos perambulantes pelas ruas da “capital mariana do Brasil”?

Pela cruz as moléstias são vencidas? E por que os clérigos não peregrinam pelos hospitais traçando-a sobre os enfermos?

Por que tantos paralíticos a se arrastarem pelas ruas ou a se postarem, mendigos, nas esquinas? E nas portas dos próprios templos da cruciolatria?

Por que os gemidos lancinantes dos cancerosos?

A cruz para-raio do mundo?

Por que ao seu lado nas pontas dos campanários instala-se o instrumento da técnica para interceptar os raios das tempestades?

Não será o para-raio junto da cruz das torres dos templos católicos o reconhecimento da inutilidade da cruz, o falido pára-raio do mundo?

O sr. Paulo Evaristo Arns, cardeal romanista em São Paulo, invencível esgrimidor de fórmulas demagógicas, de quando em quando promove arruaças reivindicatórias. Quer forçar a melhoria de condições sócio-econômicas para os pobres.

Dasalmado, sim!

Por que “sua eminência”, que é mais, muito mais do que um simples sacerdote, muito mais do que um bispo... Muito mais porque como cardeal no conclave que elege o “papa” ele também fabrica um pontífice INFALÍVEL... Se o sinal da cruz rebate coriscos e raios, represa rios transbordantes nas enchentes, por que a cruz que ele traça sobre os seus fiéis é importante?

Desapiedado do pobre povo da Paulicéia tantas vezes as solado pelas enchentes do Tamanduateí, do Tietê e do Pinheiros, por que não as reprime com seu cardinalício sinal da cruz?

O povo está faminto? De panela vazia? Todos sabemos encontrar-se na agricultura a solução dos angustiantes problemas econômicos do Brasil. E por que não se larga o cardeal Arns pela roças a lançar em cruz a sua bênção eminentíssima para afugentar as pragas das lavouras? Para fazer as nuvens despejar a chuva sobre a terra plantada? Ou para conter lá em cima as águas excessivas?

Por que Helder Câmara, o arcebispo voador, trêfego, também demagogo, de Pernambuco, não sai do seu comodismo (ou da sua incredulidade) e não se espalha a espalhar o amuleto da cruz pelo Nordeste tantas vezes calcinado por longas estiagens?

Ou entre os cardeais, os arcebispos, os bispos e os sacerdotes da Babel-Roma já não se encontram mais os “santos” do passado? Os Lourenço, os Efrem, os Froberto, os Bernardo, os Sebastião, os Germano, os Vicente Ferrer, os Anselmo, os Malaquias, os Prix, os Xavier, os Domingos, os Talaso, os Niceto?

Ou o sinal da cruz de hoje perdeu a antiga eficácia?

Se o próprio “papa” padre esparrama à bessa pelo mundo todo o sinal da cruz e os problemas continuam em crescente aspiral de agravamento...

Em princípios de Outubro de 1979 visitou ele durante uma semana inteira os Estados Unidos da América do Norte. Nas solenidades oficiais portava ele o crucifixo na mão direita e sempre com a mão direita abençoou as multidões e as autoridades com o sinal da cruz. Nem bem seu rasto havia se diluído e a nação norte americana se viu a braços com alarmente problema que a complicou com o Irã.

O Irã, um pequeno e pobre país de lá bem longe. Uma mosca diante de um elefante! A crise que se arrastou tantos meses desmoralizou o país

superpotência perante o resto do mundo, propiciando à imperialista Rússia invadir pela violência o Afeganistão.

E as bênçãos à farta em cruz esparramadas pelo “papa”?

Persignam-se os católicos... E porventura são bons cidadãos? Justos patrões? Honestos comerciantes? Prestimosos empregados? Obedientes filhos? Zelosos pais? Morigerados jovens?

Fazem o sinal da cruz todos eles. Já no “batismo” receberam-no.

E por que caem nas tentações do diabo?

Os comerciantes, os banqueiros, os industriais católicos crêem nela, na pia batismal receberam o seu sinete... Por acaso dá-lhes ela resistência necessária perante as tentações de lucros extorsivos?

E os soldados? Dela receberam livramento das tentações de serem opressores, violentos, injustos? Ou displicentes?

E os ladrões, os assaltantes, os “trombadinhas”, por ventura não a receberam quando do seu “batismo”? Onde o poder dela de livrá-los das ciladas do maligno?

E os políticos, deputados e senadores? Confiam, nela, têm-na entronizada nos recintos de suas assembleias, e por ela são abençoados com sentimentos de honra e de verdadeiro patriotismo?

Os fatos e a conduta dos sagrados pela cruz desabonam o poder dela e negam a sua antiga eficácia decantada em torneadas frases latinas e milagres mirabolantes.

O sinal da cruz perdeu hoje o seu poder? Ou tudo aquilo referido nos velhos alfarrábios é mentira?

Se faliu o sinal da cruz, sem o qual a “igreja” não pode sobreviver revela o fracasso completo da própria “igreja” cruciólatra. Nesse caso, que autoridade têm os bispos quando se metem a exigir soluções econômico-sociais? Se nem conseguem fazer valer aquilo que é estrita alçada deles como vão se meter nas atribuições alheias?

Diante do espetáculo da fé católica para com o sinal da cruz, sem a qual a idolatria romanista desapareceria, só existe uma verdade.

A verdade incontestável de ser ele o SINAL DA BESTA.

Só assim se explica, apesar de falida, a sua multissecular presença no mundo a serviço de satanás que, por intermédio do seu plenipotenciário, o “papa”, secundado de sua hierarquia, engana e seduz a pobre humanidade, teimosa e diabolicamente persistente em confiar no sinal da cruz e nos seus ministros, estes tão falsos como ineficaz aquele.

.oOo.

# **A CRUZ, PATÍBULO DA DOR E DA INFÂMIA**

Estabelecida como objeto de culto em Babilônia, também na metrópole da Caldeia, ao tempo ainda da rainha-sacerdotisa Semiramis, passou a na forma de empalação, ser aplicada como espantoso instrumento de suplício. Das margens do Eufrates e do Tigre, levada pelos fenícios, ousados navegantes e incansáveis comerciantes, difundiu-se pelo Egito, Cartago, Ásia, Pérsia, chegando, posteriormente, à Grécia e a Península Itálica, onde seu uso atingiu o exagero, de acordo com o testemunho de Heródoto (Storia, lib. III, pásgs. 125, 159). Temos desse abuso uma ideia com a informação de Flávio José (De Bel. Iud., I, 4, 6) ao descrever o miserando espetáculo do assédio de Jerusalém em 70 d. C. Os soldados do exército romano crucificaram tamanho número de hebreus fugitivos e capturados na cidade sitiada que uma floresta de milhares de cruzes circundou Jerusalém a ponto de faltar, quer o terreno para as cruzes, quer as cruzes para os corpos.

Esse suplício cruelíssimo só se introduziu entre os hebreus quando de suas primeiras relações com os romanos a partir de 63 a. C., quando Pompeu o Grande conquistou Jerusalém e impôs-lhe a estrutura política imperial.

Entre a crucifixão hebraica e a gentia ocorria, contudo, uma diferença. Os israelitas em atenção ao prescrito em Dt. 21:23, antes de por-se o sol matavam o réu com o crurifragium, esmagando-lhe a golpes de clava as pernas e os braços e se preciso, também o peito, ou, em alguns casos, de outro modo, com a espada, sepultando-o após.

Sem qualquer escrúpulos os romanos e os gregos deixaram o crucificado morrer aos poucos pendurado na cruz para assim saborear todas as angústias do condenado, cuja morte ocorria, ou pela perda de sangue, ou pela intensa febre vulnerária, ou pelos tormentos da fome e da sede insaciáveis ou por outras causas fisiológicas. O cadáver ainda permanecia na cruz até a decomposição e ao completo descarneamento feito pelos cães saltando de baixo e pelas aves caindo de cima. Com o imperador Otávio Augusto passou-se a ceder o cadáver a amigos ou parentes se o solicitassem a fim de lhe dar sepultamento.

De todas as mortes, a da cruz, é a mais inumana, considerava Bossuet.

Em seus famosos discursos contra Verre (em particular in II, 3,5, 62-67). Cícero, horrorizado, classifica a crucifixão de “crudelissimum tetricumque supplicium” (= crudelíssimo e tétrico suplício”).

Estas expressões do notável e renomado orador romano, conquanto apagadas perante a realidade indescritível do castigo, passaram à História e sempre repetidas por quem acerca dele discorre.

Se Apuleio via nele “o extremo das pernas” (Aus. Asin. X), os escritores ao considerarem a condenação de Jesus, alongam-se em descrevê-lo, longe contudo de obterem um registro próximo.

As Sagradas Escrituras outrossim reputam o crucificado “MALDITO DE DEUS” (Dt. 21:23).

O romano sempre teve verdadeiro pavor da crucifixão. Para o cidadão romano e o homem livre nem deveria ela ser mencionada (Cícero, Pro Rab., V; Sêneca, Epist., VI.)

Na opinião do inexcedível tribuno Cícero nenhum romano podia ser legalmente cravado no madeiro. E horrorizado exclamava numa de suas verrinas: “Que um cidadão romano seja ligado é um abuso; que seja batido, é um crime; morto, é quase um parricídio; que direi, pois, se é crucificado? A uma coisa tão nefanda é impossível dar um nome suficientemente duro” (In Verrem, II,5,66).

Reservava-se ela para o escravo “servile supplicium” e segundo Cícero, só na eventualidade de crimes muito graves (Pro Clementio, LXVI).

Por destinar-se aos escravos chamava-se, sarcasticamente ao escravo de furcifer (= portador da cruz). E, em linguagem de comédia, podiam clamar: “sei que a cruz será o meu sepulcro. Lá estão colocados os antepassados, pai, avô, bisavô, trisavô” (Plauto, Miles Gloriosus, 2,4,372-373).

Se a cruz implicava em inenarráveis dores e atrocíssimos sofrimentos físicos, o seu horror culminava no supremo vilipêndio. Na máxima abjeção pública.

A frente do lúgubre cortejo caminhava o centurião, o exator mortis, responsável pelo suplício e por verificar a morte do réu. Quando não ia suspensa no pescoço do próprio sentenciado, antecedido deste ia o escravo judiciário, portanto, numa tabuleta na qual, em caracteres bem visíveis, ia em inscrição o crime do condenado, motivo da sentença.

O tétrico cortejo posto em marcha para o local do suplício, percorria as ruas mais populosas e transitadas. “Cleberrimae aleguntur viae”, registra Quintiano. E o pobre réu, que já não era mais um homem, e sim

esterco ambulante, era sujeito toda sorte de ludíbrios e achinca-lhes procedentes da escumalha excitada e enfurecida.

Chegado o cortejo ao local da execução, os verdugos arrancavam os trapos do pobre ré e entre injúrias e doestos da turba vociferante, a cruz alçava nos ares aquele “maldito de Deus”.

Erguido no madeiro do seu sacrificio, contemplava, a passar por baixo dele, pessoas de todas as categorias. Os patrícios orgulhosos que nem um olhar lhe dirigiam. As crianças furiosas que examinavam o seu miserável corpo tumefacto. Os mercadores atarefados que paravam um curto instante. A plebe, sempre ignara, a se divertir espiando os sintomas dos seus padecimentos. E os soldados habituados à cena de crueldade a impedir a aproximação de qualquer alívio ou a manifestação concreta de um gesto de piedade da parte de um parente, de um amigo ou de um cúmplice.

Eis o patíbulo do Divino “Maldito de Deus”, nosso Senhor Jesus Cristo! Nele levantado qual escravo dos homens, pagou por nossos crimes e pecados. Destes, aliás, foi fabricada a Sua cruz.

Réu de cruz, curtiu Ele, corpo sangrando, todos os horrores do crudelissimum teterrimumque supplicium. E o Seu Terno Coração suportou as amarguras de todos os vilipêndios. Por escárnio puseram-lhe à cabeça uma coroa de espinhos e não mão direita uma cana qual cetro da abjeção.

Por zombaria diante dEle genuflectiam dizendo: salve rei dos judeus.

Por cúmulo do desprezo cuspiam-lhe em Rosto.

No cúmulo da execração pública, nú (Ele, o pudor por excelência), entre vaias da plebe insensata e as injúrias dos sacerdotes (ah, sempre os sacerdotes!!!) levantaram-no entre dois salteadores.

É essa a cruz da dor, do cadafalso, do máximo vilipêndio dos homens e da suprema maldição de Deus, é essa cruz o SINAL DA BESTA.

.oOo.

## **SERIA A CRUZ**

# **O SÍMBOLO DO CRISTIANISMO?**

Símbolo do Cristianismo? Em nome de quê?

Em nome de sua origem babilônica?

Em nome de sua ampla aceitação em todas as religiões do paganismo antigo?

Em nome daquele inconsciente, adulterado e semi-pagão cristianismo do Egito, que serviu de ponte a transpô-la do velho paganismo para o catolicismo?

Em nome do catolicismo, cujo chefe, o “papa”, a indiscutível besta do Apocalipse, se adotou como seu sinal marcante a com sua MÃO DIREITA, esparramar pelo mundo todo?

Em nome da hierarquia romanista que, a serviço do seu “papa”, também a tem na MÃO DIREITA sempre posta em atitude de traçá-la na FRONTE dos seus fiéis?

Em nome da massa estupidificada pelo cristianismo babilonizado, a falsa igreja, “*a mãe das prostituições e das abominações da terra*”?

Em nome do lendário católico repleto de dolorosos milagres a ela atribuídos?

Em nome da deslavada distorção de Textos das Sagradas Escrituras na ambição de justificar seu culto?

Em nome de sua ampla adoção nos redutos desse cristianismo poluído supondo-se que o uso geral do crime vá torná-lo moral e honesto, justo e virtuoso?

Em nome de sua ampla adoção nos redutores desse cristianismo poluído supondo-se que o uso geral do crime vá torná-lo moral e honesto, justo e virtuoso?

Em nome desse povo que, com seu sinal de benze, mas cujo comportamento nada tem de cristão?

Em nome dos seus devotos embrutecidos pela e na idolatria?

Símbolo do Cristianismo? Em nome de que?

Em nome de cruciolatria?

Em nome de sua divulgação generalizada pelo mundo enterrado na iniquidade?

Em nome do TOTALITARISMO? Do NAZISMO com a sua cruz GAMADA ou SWASTIKA? Do COMUNISMO, mil vezes pior, mil vezes mais totalitário, com o emblema da FOICE E DO MARTELO encruzados?

\*\*\*

Símbolo do Cristianismo?

Por mais que se busque e rebusque nas Sagradas Escrituras no Novo Testamento em especial e de maneira particular os Evangelhos jamais encontrar-se-ão quaisquer indícios acerca do físico de Jesus Cristo.

No passado, quando o Senhor Deus, em Herebe, flou ao Seu povo do meio o fogo, não permitiu que forma alguma se visse, exatamente para que não se corrompessem as pessoas fazendo dEle alguma imagem esculpida (Dt 4:15-16). Nenhum vestígio do Físico de Jesus Cristo, outrossim, se encontra nas Escrituras pelo mesmo motivo. Proíbe o Senhor Deus qualquer ícone também em memória ou em honra de Jesus.

Nem em Sua época havia a arte fotográfica. E Ele veio na plenitude dos tempos (Gl 4:4). Se Deus permitisse retratá-lo, é evidente, a fotografia seria dessa plenitude.

Há mais! Nem se sabe até hoje, com certeza, qual haja sido a forma da Cruz em que Cristo foi sacrificado. Se a decussata (ou de “santo” André), ou immissa (ou encabeçada) ou a comissa (a em forma de tau = T).

A forma latina ou immissa, essa atualmente muito conhecida, é recentíssima.

Quando os cristãos nominais aceitaram do paganismo, via Egito, o emprego da cruz, ela tinha a forma do tau grego = T, a comissa. Sabe-se mesmo que o “papa” Inocêncio III, no IV Concílio de Latrão, no ano de 1215, estabeleceu esta forma comissa (a do tau grego) como a mais segura da cruz de Cristo.

Notem-se essas observações todas, de ordem bíblica, histórica e arqueológica, a estará alguém autorizado a fantasiar no tocante à cruz como símbolo do Cristianismo?

\*\*\*

Símbolo do Cristianismo?

Em definitivo a cruz só pode simbolizar o cristianismo corrompido. Prostituído!

A se adotar um símbolo do Cristianismo vamos cunhar em formato diminuto a manjedoura. Cristo não teria morrido se não houvesse nascido! A encarnação, de resto, é íntima da Redenção!

Vamos esculpir o útero virginal de Maria. Se o patíbulo sustentou o Corpo de Cristo por algumas horas, o seio de Sua mãe carregou-O no período de nove meses. E se a cruz é o suplício da infâmia, do vilipêndio, as entranhas de Maria eram virginais. Puras! Se durante a Crucifixão o Salvador foi insultado, na Sua Conceição e na Sua Gestação Ele foi



reverenciado pela “*bendita entre as mulheres*” e pelo justo José, seu piedoso pai adotivo.

Vamos esculturar os braços de Maria e de José que O carregaram enquanto criança. Muito mais ternos do que os crudelíssimos da cruz. Os braços de Simeão, o justo e temente a deus na expectativa da consolação de Israel.

Vamos construir pequenos barcos à imitação daquele sobre o qual viajou Jesus quando do prodígio de serenar a tempestade.

Vamos engendrar miniaturas do túmulo, onde Seu Corpo permaneceu inerte durante três dias e donde, Glorioso, ressuscitou. O sepulcro, outrossim, reunia a lembrança da Sua Morte e da Sua Ressurreição. Ambos Eventos que se completam mutuamente. Seria essa miniatura, por conseguinte, um símbolo mais adequado e completo.

Por nossas mentes, contudo, jamais passou a ideia de semelhantes figuras. E com justa razão!

\*\*\*

A cruz símbolo do Cristianismo?

Quem o admite menospreza a capacidade de prever e de prover de nosso Senhor Jesus Cristo.

Com efeito, ao prever a nossa necessidade humana de algo que significasse Sua Morte, Ele, que nos conhece perfeitamente, providenciou um MEMORIAL dela na Ceia por Ele instituída poucas horas antes do Seu Sacrifício.

Estabelecendo na Ceia o ÚNICO Memorial de Sua Paixão e de Sua Morte, fê-lo completo e jamais credenciou a quem quer que seja a adotar outro sinal.

\*\*\*

A cruz símbolo do Cristianismo?

É um absurdo incomparável aceitá-lo em decorrência da solene afirmação de Paulo Apóstolo: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl. 6:14).

Trata-se de um subterfúgio frívolo na pretensão de justificar uma ridícula presunção.

Paulo Apóstolo ao aludir à cruz falava, é evidente, da DOCTRINA da Redenção ocorrida pelo Crudelíssimo Sacrifício de Jesus Cristo. Jamais supôs Paulo incutir a cruciolatria. E nem sequer o uso da cruz como

emblema do cristão. Tanto é assim que somente no século V ela foi plenamente aceita no catolicismo, enquanto todos os grupos evangélicos contemporâneos a rejeitaram.

Quem, com o objetivo de justificar a doação da cruz, invoca essa palavra de Paulo, cercando-a de um sofisma ao sabor dos teologastros da Babel-Roma, de certo, recusa concordar ser pela cruz de Cristo o mundo crucificado para ele e ele para o mundo. E é bem certo! Quem ostenta a cruz como pingente numa gargantilha de ouro ou de bijuteria reluzente, na lapela do paletó ou na gravata, é porque não traz a cruz do sofrimento, da renúncia, da fidelidade à Sã Doutrina no coração e na consciência.

Quem vive o Evangelho em sua autenticidade dispensa esses penduricalhos da idolatria. E os templos “evangélicos” que o exibem em seu frontispício revelam a mancomunação dos seus responsáveis com os desvios da APOSTASIA, o SINAL MAIS IMPORTANTE DA VOLTA DE CRISTO. Envolvido por ela esses responsáveis irresponsáveis aviar-se-ão no Juízo com o Soberano Juiz.

\*\*\*

Símbolo do Cristianismo?

E como seu símbolo um fator de credibilidade para o Evangelho perante o povo?

Adotando-o os evangélicos terão portas mais abertas para pregar o Evangelho ao pecador perdido?

Em 1965 um grupo evangélico empreendeu neste País uma Campanha de Evangelização de amplitude nacional. Estabeleceu-se um pormenorizado organograma. Imprimiu-se à farta literatura variadíssima. Calçada em substancial pecúnia, seus pregadores cortaram o vasto território pátrio com todos os maíes de locomoção. Visitaram-se todas as autoridades civis e militares e também muitas clericais. A retumbante campanha abarcou um ano inteiro, afora o período longo dos seus preparativos. E os resultados? Confirmam-nos!

É que se marcou esse empreendimento com o sinal da cruz!

Sem as bênçãos de Deus a investida serviu apenas para promover a petulância de meia dúzia de ilusórios “luminares”.

A cruz só serve para um evangelho miniaturizado, pasteurizado, banalizado, barateado, cujos pregadores, de espessa ingenuidade, influenciados pelo método das promoções comerciais e políticas, pensam conquistar plateia para sua vaidade pessoal com a imolação da Verdade Integral.

Para ponto de contato com o pecador perdido ninguém precisa da cruz como não é preciso dançar no carnaval para anunciar o Evangelho aos momólatras. Como não é preciso prostituir-se no intento de pregar o Evangelho às meretrizes. Como não é preciso embriagar-se quando no empenho de falar de Cristo aos ébrios. Como não é preciso assassinar para levar a Palavra de Deus aos encarcerados. Como não é preciso prostrar-se de joelhos diante das imagens e acender-lhes velas para se criar a oportunidade de transmitir plano de salvação aos idólatras.

\*\*\*

A cruz símbolo do Cristianismo?

Sob seu digno a hierarquia clerical ateou as labaredas da “santa” inquisição e lotou de vítimas as suas masmorras. Montou as Cruzadas que assolaram o Oriente Médio e pilharam suas riquezas e suas obras artísticas. Espalhou seus missionários pelo Continente Latino-Americano, onde, no Brasil de modo particular, sugaram sua abundância de ouro e de outros bens até esgotá-los, escravizaram e mataram seus aborígenes.

Reivindicar a cruz como símbolo do Cristianismo é comprometê-lo com a sórdida trama de assassinatos, de esbulhos, de saqueios, de violências... É arriscá-lo à monstruosa política da descomunal exploração das nações pela hierarquia da impostura. Porque em nome da cruz, transformada pelo clero do cerimonialismo tarifado em flagelo dos povos e instrumento do rancor sanguíneo, a História é a sequência de tragédias...

\*\*\*

A cruz símbolo do Cristianismo?

Lembra ela o “crudelíssimo e tétrico suplício”, suprema execração pública, Maldição Divina, idolatria, pilhagem, rapinagem, getunice, sanha inquisitorial, sequestros, impostura, masmorras repletas de vítimas, cordas de cadafaldos, cabeças sob cutelos...

Por tudo isso ainda hoje no linguajar comum “CRUX!” ou “CRUZES!” é a interjeição de horror e indicativa de escândalo.

E nos hábitos supersticiosos do povo fazer cruces a alguma pessoa é esconjurá-la. Fazer uma cruz à porta de alguém é protestar de nunca mais lhe entrar em casa.

No trânsito os cruzamentos são perigos e reclamam atenção dos motoristas. E nas encruzilhadas os feiticeiros fazem as suas mandingas ou despachos...

Ainda! A cruz implica em ignorância. É o símbolo do analfabetismo porque assina em cruz quem não sabe escrever o nome. É, outrossim, demonstração de ingenuidade assinar em cruz um documento pois neste caso a expressão significa assinar sem ler, sem conhecer o conteúdo.

\*\*\*

Símbolo do Cristianismo?

Mas a cruz foi fabricada de nossos pecados. Ao carregá-la sobre Seus Ombros, nosso Senhor Jesus Cristo vergou sob nossas iniquidades.

Nela pregado deixou-Se cravar em nossos próprios pecados, “fazendo-Se maldição por nós” (Gl 3:13).

Por nossa Redenção Ele a suportou. Com Coragem Divina, Ele desprezou a sua ignomínia (Hb 12:2).

De nossos pecados fabricada, patíbulo de maldição para Jesus Cristo, por Ele suportada, dEle desprezada, a cruz, porventura, constituir-se-á em autêntico e verdadeiro símbolo do Cristianismo?

\*\*\*

Símbolo do Cristianismo?

Se ao longo da infame existência do catolicismo tem sido ela o meio discriminativo dos seus fiéis, nas culminâncias da História, terá ela o seu prestígio exacerbado pelo misticismo avassalador entre as massas imersas na idolatria.

Quando a besta política for outra vez curada da ferida da espada (Ap13.31-40 com a final restauração do império romano no Mercado Comum Europeu que se organiza (id. 17:7-8), o sistema religioso do anticristo, o “papa”, ou seja, o catolicismo atingirá o seu apogeu com a máxima exaltação do seu sumo pontífice.

Tudo se caminha para esse momento de grandeza do “papa”. A APOSTASIA aí está, avassaladora nos redutos protestantes e evangélicos, a carrear-lhe fabulosos rendimentos.

O catolicismo, “refúgio da mentira” (Is 28:17), visto com simpatia e interesse pelos “irmãos separados”, ganha terreno nos países onde até há pouco o Evangelho obstaculava sua proliferação, como nos Estados Unidos da América do Norte.

Nesse contexto de preparativos para a Hora Final, o ECUMENISMO tem propiciado acordos com os dissidentes da comunhão vaticana de grandes rendimentos em favor da Babel – Roma, que, sem ceder uma

fração de milímetro em seus dogmas, recebe a adesão dos seus antigos desafetos.

O melhor resultado da ação ecumenista, contudo, está no amaciamento generalizado ocorrido nos meios evangélicos, já desinteressados pela Verdadeira Evangelização. E ainda em resultado desse abrandamento, o ímpeto evangelístico daqueles que se dizem preocupados em evangelizar perdeu o seu calor, o seu dinamismo. A sua capacidade de renúncia. De sofrimento. O Evangelismo atual, caracterizado pelo desejo de não desagradar o pecador, evita certos assuntos em suas pregações. Os seus arregadores, que temem ser tidos por antiquados e obsoletos, buscam em motivos idiotas fator de credibilidade para o Evangelho.

Nessa conjuntura da APOSTASIA altamente rentável para o sistema do anticristo, destaca-se também o PENTECOSTISMO crédulo e supersticioso a aplaudir as experiências dos tremeliques apodadas de carismáticas dos fiéis da *“mãe das prostituições”*.

Em meu livro o MAIS IMPORTANTE SINAL DA VOLTA DE CRISTO, cuja leitura sobremodo encareço por oportuna e necessária, trato da APOSTASIA em todos esses enfoques.

Eis, afinal, o resultado inevitável! É recebida, e com prestígio crescente, a cruz.

Recusá-la nos próprios meios evangélicos implica já em motivo de zombaria e de desprezo.

Em tempos idos os crentes evangélicos por recusarem-na foram mortos pela “santa” inquisição. Sem ela ninguém podia comprar ou vender.

Estão voltando esses tempos. A APOSTASIA, coadjuvada pelo ecumenismo e pelo pentecostismo, cresce entre os evangélicos e a cruz entre eles já é aceita como símbolo do Cristianismo.

É satanás a dar, através da APOSTÁSIA (ecumenismo, modernismo e pentecostismo) coesão e força ao sistema da besta religiosa, o “papa”. Daqui a pouco todos terão de pertencer a essa organização sob pena de serem boicotados nos meios de sobrevivência. Todos estarão no dilema: ou a recusa com a conseqüente morte ou a adesão ao anticristo, recebendo a sua marca, o SINAL DA BESTA, que outro não é senão o próprio SINAL DA CRUZ.

**.oOo.**

